

PEDRO DA COSTA SOARES

**UMA CONTRIBUIÇÃO DAS FORMAS NÃO-LOCAIS DE
CONHECIMENTO PARA A PRÁTICA TERAPÊUTICA - NOVAS
PROPOSTAS EM PSICOTERAPIA TRANSPESSOAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho

FLORIANÓPOLIS

2003

Existe alguma coisa de vago antes do advento do céu e da terra. Que calma! Que vazio! Está aí, solitário imóvel; isso agita-se por toda a parte, infatigavelmente. Podemos considerar que é mãe de tudo o que existe sob o céu. Não sei seu nome, mas chamo-lhe de Tao. LAO-TSÉ (2002)

CAPITULO 5 - EVIDÊNCIAS EXPERIMENTAIS DA NÃO- LOCALIDADE DA CONSCIÊNCIA

5.1- EXPERIÊNCIA NEUROFISIOLÓGICA DE GRINBERG-ZYLBERBAUN.....	75
5.2 EXPERIÊNCIAS DE CURA E MENTE NÃO-LOCALIZADA.....	76
5.3 CRESCIMENTO DE LÊVEDOS E MENTE NÃO-LOCALIZADA.....	82
5.4 EVIDÊNCIAS DE MENTE NÃO-LOCALIZADA NOS ANIMAIS.....	83
5.5 FENÔMENOS PARAPSIOLÓGICOS COMO EVIDÊNCIAS DE MENTE NÃO-LOCALIZADA.....	83
5.5.1 Telepatia.....	85
5.5.2 Ligações Telessomáticas ou Telestesia.....	86
5.5.3 Transidentificação.....	91

5.1- EXPERIÊNCIA NEUROFISIOLÓGICA DE GRINBERG-ZYLBERBAUN

Uma importante experiência laboratorial de interação não-local foi realizada pelo neurofisiologista, da Universidade do México, Jacobo Grinberg-Zylberbaun e seus colaboradores (1994). GRINBERG et al (s.n.d.) estavam procurando um caminho para demonstrar a conexão quântica não-local entre cérebros humanos quando chegaram ao protocolo seguinte. A dois sujeitos foi solicitado meditar por aproximadamente vinte minutos com o intuito de estabelecer uma comunicação direta. Depois dos vinte minutos, os sujeitos pesquisados foram postos em distintas gaiolas de Faraday (ambientes isolados eletromagneticamente), enquanto mantinham-se em comunicação direta, e seus cérebros foram conectados a máquinas de EEG (eletroencefalograma) individuais. Então, um dos sujeitos foi exposto a uma série de flashes de luz aos quais seu cérebro respondeu com uma atividade elétrica (o potencial evocado) que o EEG registrou. Surpreendentemente, o cérebro da segunda pessoa, o qual não recebeu qualquer estímulo, também demonstrou atividade elétrica de mesma fase e duração (como registrado pelo EEG)

chamado potencial transferido. Mas, qual é a origem do potencial transferido?

Essa experiência foi repetida dezenas de vezes durante vários anos com pessoas diferentes, sempre com os mesmos resultados. Os potenciais transferidos apareciam consistentemente em cerca de 25% dos casos. Um exemplo particularmente intenso foi fornecido por um casal jovem profundamente apaixonado. O padrão de seu EEGs permaneceu altamente sincronizado através do experimento, como testemunha de suas sensações estarem em profunda unidade.

Existe suficiente similaridade aqui com o experimento de Aspect (1982) (confirmou em laboratório o paradoxo EPR, ou seja, validou o Teorema de Bell) para sugerir o envolvimento da não-localidade quântica. Mas há também diferenças. No experimento de Aspect, dois eventos envolvendo fótons em duas experiências em locais diferentes são correlatas e exibem conexão não-local, mas em cada lugar, cada evento é completamente aleatório em relação ao próximo evento. Isso ocorre porque, cada decaimento do átomo de origem que emite o par de fótons correlacionados, é completamente independente do próximo evento de decaimento. A sabedoria resulta no teorema de Eberhard: é impossível usar a não-localidade quântica a la Aspect para mandar mensagens, como em telepatia (apud GOSWAMI,1993).

No experimento do grupo de Grinberg-Zylberbaum, entretanto, a correlação dos eventos deveria ser mantida durante a duração do experimento desde um potencial evocado, que é uma média sobre cem flashes de luz (a média é necessária para evitar os erros). Então, é necessário reconhecer que na experiência de Grinberg há consciência (intenção consciente e não interação material) que correlacionava os dois cérebros e media suas comunicações. A consciência reconhece os estados similares de simultaneidade em ambos os cérebros, embora apenas um esteja recebendo estímulos. Desde que a consciência mantenha os dois cérebros correlacionados de evento a evento através de toda duração do experimento, a transferência de mensagens é possível (GOSWAMI, 1993).

5.2 EXPERIÊNCIAS DE CURA E MENTE NÃO-LOCALIZADA

Segundo relata DOSSEY (1999), em dezembro de 1997 realizou-se uma conferência em Boston denominada “Prece Intercessória e Intenção de Cura a Distância: Pesquisa Laboratorial e Química”. Cerca de uma centena de pesquisadores de institutos e universidades de medicina dos Estados Unidos se reuniu ali para discutir experiências com terapia pela não-localização da mente que eles estavam realizando em suas respectivas instituições. Lá, estudiosos de categoria internacional, altamente respeitados em seus campos de atividade, discutiam suas últimas descobertas. “Mal pude acreditar que esse evento estava acontecendo. Alguns anos antes, teria sido suicídio profissional para o pesquisador que realizasse experiências que levassem a sério a possibilidade de cura por meio da mente”, exclama Dossey.

Outra importante conferência aconteceu em Harvard, patrocinada pelo Institute of Noetic Sciences, fundado pelo ex-astronauta Edgard Mitchell. O encontro em Harvard começou com a seção de abertura dedicada a dois pioneiros pesquisadores de cura a distância, os psicólogos Lawrence LeShan e Bernard Grad.

As pesquisas de Bernard Grad, pesquisador da universidade de *McGill University*, de Montreal, iniciadas na década de 60, elevaram a cura pela não-localização da mente à categoria de ciência. Foram feitos engenhosos e profundos experimentos que estabeleceram um padrão para todas as experiências com a não-localização da mente que se seguiram. (apud DOSSEY:1999)

Grad estudou os efeitos da intenção terapêutica pela não-localização da mente, na cura de feridas. Ele anestesiou 48 ratos e efetuou-lhes incisões cirúrgicas nas costas para extrair um pedaço de pele de cerca de 1,5 centímetro de largura, por 4,5 centímetros de comprimento. Um agente de cura segurou as gaiolas com um

terço dos ratos durante 15 minutos, duas vezes ao dia, enquanto tentava curá-los por meio da mente. Um terço dos ratos foi posto nas gaiolas que foram ambientadas com a mesma temperatura das gaiolas seguradas pelo agente de cura. O terço restante dos ratos serviu como grupo de controle e foi manipulado como os outros dois grupos, mas não recebeu nenhuma intenção de cura e nenhum aquecimento adicional. Os graus de cura das feridas de todos os ratos foram avaliados pela representação de sua forma e dimensão no papel e pelo acompanhamento da cicatrização das feridas com base nos recortes dessa representação. Depois de 14 dias, observou-se que o grupo tratado havia se curado com rapidez consideravelmente maior do que o grupo de controle, e também que, era menos de uma em mil, a chance de os resultados terem sido obtidos por casualidade.

Depois das experiências de cura de feridas, Grad realizou um estudo mais complexo com a cooperação dos drs. R. J. Cadoret e G. I. Paul, da *University of Manitoba*. Um total de 300 ratos distribuídos por três grupos de tratamento foi usado: cem ratos foram tratados por um agente de cura; outros cem por estudantes de medicina que alegaram não possuir aptidão especial para curar; e os cem ratos restantes não receberam nenhum tratamento. No que diz respeito a cada grupo de ratos, os procedimentos do estudo foram realizados de modo que nenhuma das pessoas participantes soubesse quais grupos não receberam influências de cura e qual recebeu. Depois de duas semanas de efetuadas as incisões, a área das feridas mostrou-se significativamente menor nos ratos tratados pelo agente de cura, em comparação com a dos ratos do grupo de controle e a dos ratos tratados pelos estudantes de medicina sem aptidões especiais de cura.

Os estudos de Grad não nos dizem como esses fenômenos ocorreram, mas eles rebatem o argumento de que os efeitos de cura a distância são sempre devidos ao efeito placebo. Efeitos placebo funcionam como estímulos por causa daquilo que o paciente espera ou acha que ocorrerá – os resultados de uma sugestão, o poder do pensamento positivo. Presumivelmente, sementes, plantas e ratos não pensam positivamente ou negativamente, nem são suscetíveis a sugestão

ou a expectativa. Isso significa que o efeito placebo não se aplica a eles. O fato de que Grad demonstrou a ocorrência desses fenômenos em animais tão altamente situados na escala evolutiva, como os ratos, e em seres tão singelamente classificáveis nela, como seja o caso das sementes, indica a natureza fundamental do que quer que tenha produzido os efeitos. Assim, Grad conclui: “[Esses] fenômenos... lançam nova luz sobre a unidade básica do homem, do animal e dos vegetais ...”

Grad ajudou a transformar a noção popular de que a não-localização mental envolve apenas questões como a da adivinhação pelas cartas e da leitura da mente. Ele demonstrou que nossos pensamentos e intenções afetam os seres vivos remotamente de forma significativamente medicinal, tal como no caso de cura de feridas e de desenvolvimento de tumores.

Outra pesquisa importante apresentada na conferência de Harvard foi feita para lidar com um dos maiores desafios da era moderna: a Aids.

A Dra. Elisabeth Targ e seus colegas do California Pacific Medical Center, de São Francisco, realizaram testes para saber se a cura a distância (CD), inclusive a prece, pode produzir efeitos terapêuticos na saúde de pacientes com Aids quando eles ignoram que estão recebendo tratamento. A equipe de quatro membros tinha impressionantes credenciais para a realização da tarefa. Targ, médica e psiquiatra, é diretora do Departamento de Pesquisas sobre Oncologia Psicossociológica e faz parte do quadro de clínicos da University of California School of Medicine, São Francisco; a dra. Helene S. Smith, falecida, foi diretora do Geraldine Brush Cancer Research Institute e professora-assistente do Departamento de Medicina da UC San Francisco School of Medicine; Fred Sicher é diretor do Sausalito Consciousness Research Laboratory; e o dr. Dan Moore II é professor-assistente do Departamento de Estatísticas da UC San Francisco School of Medicine.

A experiência, controlada e de seleção aleatória de pacientes, usou os mesmos padrões científicos rigorosos requeridos nos testes de novas drogas. Quarenta pacientes em estágio avançado de Aids – 37 homens e 3 mulheres com

idade média de 43 anos – foram escolhidos no complexo comercial da baía de São Francisco por meio de anúncios e panfletos. Eles eram oriundos de vários grupos étnicos e culturais. Todos os pacientes receberam cuidados médicos padrão. Porém, 20 deles foram alvo de intenções de cura a distância, além do tratamento. Esse estudo foi feito também de modo que nenhum dos envolvidos, inclusive os pacientes e os cientistas, soubesse quem no grupo estava sendo submetido a cura a distância.

Quarenta voluntários espalhados pelos Estados Unidos e Canadá realizaram sessão de cura a distância. Cada agente de cura recebeu um papel com o primeiro nome do paciente e sua fotografia para ajudá-lo a estabelecer uma ligação pessoal com o paciente. Pediu-se aos agentes de cura que concentrassem suas energias mentais na saúde e no bem-estar do paciente durante uma hora por dia, seis dias por semana, durante dez semanas. Os agentes de cura provinham de oito diferentes tradições de cura, inclusive de ambientes cristãos, judaicos, budistas, indígenas americanos e de práticas curandeiristas em si, mas alguns eram também graduados de escolas de bioenergética e cura pela meditação. Os agentes de cura tinham em média experiência de 17 anos com processos de cura. Eles receberam atribuições em sistema de rodízio, para que cada paciente fosse tratado por um agente de cura diferente a cada semana.

A situação dos pacientes foi avaliada com base no resultado de testes sangüíneos e psicológicos no começo do estudo e no fim do período de seis meses de acompanhamento pós-terapêutico. Não observaram nenhuma diferença na contagem de células CD_4^+ (tipo de célula imunológica importante na resistência ao vírus da Aids) do grupo alvo de cura a distância e na do grupo de controle. Mas uma revisão casual de seus prontuários revelou diferenças significativas entre os grupos. Verificaram que os pacientes que tinham sido submetidos a intenções de cura a distância tiveram um número significativamente menor de doenças associadas com a Aids, de hospitalizações e de dias de internação. Além disso, os que receberam intenções de cura demonstraram estado de espírito significativamente melhor, em comparação com o estado dos do grupo de controle. Os testes psicológicos

mostraram que os efeitos do tratamento não foram influenciados pelas crenças dos pacientes a respeito de a qual grupo eles pertenciam. Essa experiência confirmou resultados semelhantes obtidos num estudo-piloto envolvendo a metade do número de pacientes estudados nela.

O estudo mais conhecido de cura pela não-localização da mente é o do cardiologista Randolph Byrd, realizado no San Francisco General Hospital. Esse trabalho de Byrd, de 1988, é a mais famosa experiência de cura a distância do século 20, e sua influência tem sido enorme. Ela estendeu o trabalho pioneiro de Grad à esfera humana, e foi feita para lidar com a questão da maior causa de morte entre os humanos: as doenças cardíacas.(apud DOSSEY: 1999)

Byrd e Janet Greene, sua assistente de pesquisas, perguntaram a cada paciente da unidade de cardiologia de seis leitos cujo quadro clínico se mostrava estável se ele ou ela desejava ajudar como voluntário no estudo dos efeitos da prece no tratamento. “As respostas variaram de um eufórico ‘Como eu gostaria de fazer isso!’ a ‘Acho que não me faria mal’ e uma recusa indignada”, relata Byrd. Durante dez meses, o computador informou que 393 pacientes concordavam em fazer parte ou de um grupo que recebesse preces (192 pacientes) ou de um grupo que não as receberia (201 pacientes). O estudo foi cercado das garantias características das boas experiências clínicas, inclusive a dos procedimentos de manipulação aleatória de seus componentes e de precauções para que nem os pacientes, nem as enfermeiras, nem os médicos soubessem qual grupo era esse ou aquele. Byrd selecionou membros de vários grupos protestantes e católicos do país para orar. Eles receberam o primeiro de seus pacientes, bem como breve descrição de seu diagnóstico e quadro clínico. Foi pedido a eles que orassem todos os dias, mas não receberam nenhuma orientação de como deveriam ou poderiam fazê-lo. “Cada uma dessas pessoas orou em favor de muitos pacientes”, explica Byrd, e “cada paciente participante da experiência teve entre cinco e sete pessoas orando por ele ou ela.”

O quadro clínico dos pacientes que receberam preces passou a diferir de várias formas dos que não a receberam:

- Esses pacientes tornaram-se cinco vezes menos passíveis da necessidade de receber antibióticos (apenas 3 se mostraram mais necessitados em comparação com 16 pacientes do outro grupo).
- Eles tornaram-se três vezes menos suscetíveis de desenvolver edema pulmonar, doença na qual os pulmões se enchem de líquido como consequência da incapacidade de o coração bombear sangue adequadamente (6 em comparação com 18 pacientes).
- Nenhum componente do grupo que recebeu preces precisou de intubação endotraqueal, pela qual um duto artificial de aeração é inserido na garganta e ligado a um ventilador mecânico, ao passo que 12 do grupo que não recebeu preces precisaram de auxílio de respiração artificial.
- Menos pacientes do grupo que receberam preces morreram (13 comparados com 17 pacientes do grupo de controle, diferença que, estatisticamente, não foi significativa).

Pelo fato de que o estudo de Byrd tem sido muito influente, cabe aqui uma digressão, para que o examinemos detalhadamente.

Os resultados dos estudos de Byrd foram tão notáveis, que até mesmo alguns céticos ficaram intrigados, tais como o falecido dr. William Nolen, cirurgião que tinha escrito um livro visando desmascarar a cura pela fé. “Parece que esse estudo resistirá a um exame sério”, disse ele. Nolen, católico praticante, não orava por seus pacientes, mas disse que, talvez, deveria fazê-lo, pelo que viu no estudo de Byrd. “Se esse é um estudo válido”, afirmou, “Deus do céu, talvez nós médicos devêssemos escrever em nossos receituários: ‘Ore três vezes por dia.’ Se isso funciona, funciona.” (apud DOSSEY, 1999).

5.3 CRESCIMENTO DE LÊVEDOS E MENTE NÃO-LOCALIZADA

Em 1995, o Dr. Erlendur Haraldsson, professor de psicologia da Universidade da Islândia, relatou uma experiência que realizou juntamente com o Dr. Thorstein Thorsteinsson, bioquímico da faculdade de medicina da mesma instituição. Sete voluntários participaram da experiência – dois agentes de cura espirituais, um médico que acreditava no poder da prece e que a usava em seu mister e quatro estudantes sem nenhuma experiência, ou interesse por cura. Todos os sete voluntários tentaram estimular o crescimento de lêvedos postos em dez tubos de ensaio, com dez como controles. Eles não tinham permissão para tocar os tubos de ensaio, ou se porem a menos de meio metro deles. Então, todos os tubos foram armazenados no mesmo lugar durante 24 horas, depois das quais o crescimento do lêvedo de cada tubo foi medido por métodos sofisticados, comumente usados por microbiologistas. A experiência foi bem planejada e adequadamente controlada, sem que os técnicos soubessem quais tubos eram esses ou aqueles. De um modo geral, os lêvedos dos tubos de ensaio tratados apresentaram maior crescimento do que os dos tubos de controle. Contudo, o grosso da influência positiva originou-se dos três voluntários que estavam envolvidos ativamente com a cura de seus males pessoais. Os estudantes que alegaram não ter nenhuma aptidão com cura nem interesse por ela, produziram resultados pouco confiáveis. Quando se estabeleceu a distinção entre os efeitos produzidos pelos estudantes e os efeitos gerados pelos agentes de cura, verificou-se que eram menos de duas em dez mil as chances de que os últimos os tivessem obtido por acaso.

A experiência da Universidade da Islândia faz sentido. Experiência, aptidão e interesse contam em qualquer empreendimento humano, inclusive as

experiências de cura a distância.

5.4 EVIDÊNCIAS DE MENTE NÃO-LOCALIZADA NOS ANIMAIS

DOSSEY (1999) refere-se a muitas pesquisas que vêm sendo realizadas com animais. Um dos que se destacam é Rupert Sheldrake, conhecido por formular a hipótese dos campos morfogenéticos que explica os fenômenos de interação não-local na biologia. Sheldrake vem realizando experiências controladas com cães demonstrando a interação não-local com seus donos. Os animais sabem exatamente a hora em que as pessoas tomam a decisão de voltar para casa, não importando a distância de onde estejam. Sheldrake tem documentado as reações dos animais, inclusive gatos, por meio de gravações videofônicas, o que lhe facultava uma avaliação objetiva do comportamento do animal por pessoas que não pertencem a família.

5.5 FENÔMENOS PARAPSICOLÓGICOS COMO EVIDÊNCIAS DE MENTE NÃO-LOCALIZADA

A literatura atual abunda de pesquisas nesse campo. Muitos periódicos especializados vêm trazendo artigos que procuram demonstrar as evidências experienciais da ação não-local da mente. Entre essas vêm ganhando destaque as experiências de percepção extra-sensorial, estudadas até então pelos parapsicólogos. A Parapsicologia, até há pouco relegada vem novamente ganhando aceitabilidade em função dos novos conhecimentos sobre consciência e o Universo.

O físico O. Costa de Beauregard afirma: "A física atual admite a existência dos chamados fenômenos paranormais da telepatia, precognição e psicocinese...Na física contemporânea, o conceito de 'não-localização mental' requer cogitemos da racionalidade desses fenômenos" (apud DOSSEY, 1999). Entre os cientistas influentes que têm defendido a realização de debates francos sobre a questão da não-localização da mente, está o físico Henry Margenau, professor emérito de física e filosofia natural na *Yale University*. O professor Margenau lecionou física durante 41 anos em Yale e foi prestigioso membro do *Institute for Advanced Study* da *Princeton University*. Durante meio século, Margenau deu, até antes de morrer, aos 96 anos de idade, contribuições fundamentais à física. Ele tinha interesse também pelos fenômenos da não-localização da mente, tais como os que temos estudado, inclusive aqueles estudados pelos parapsicólogos.

Citamos , a seguir, o ponto de vista do professor Margenau pelo fato de ele resumir bem a nossa situação atual e mostrar por que nos deveríamos manter acessíveis à validade da não-localização da mente.

Atualmente, parece ser questão de senso comum a toda pessoa de formação científica, puramente racional, que a TCP (telepatia, clarividência, precognição) é algo impossível, já que fenômenos tais – se existissem – violariam as leis científicas até agora conhecidas e comprovadas. Com base nisso, podemos prever, seguramente, que conclusões desse tipo resultam de observação falha, projetos experimentais mal-elaborados e mero preconceito...

Atitudes como essa são tomadas por muitos cientistas modernos. Entretanto, deveria ser levantada a questão a respeito de quais leis, seriam violadas, precisamente, pela ocorrência de fenômenos de TCP.

Os fenômenos de TCP violam o cânon que reza a impossibilidade "da ação a distância"? Eles o violariam, talvez, se esse princípio universal existisse. Atualmente, existem conjecturas respeitáveis entre os físicos que enunciam a existência de campos sem massa nos quais os resultados de fenômenos podem ser transmitidos instantaneamente. No campo da mecânica quântica predomina, atualmente, o debate da questão do caráter onipresente das interações: a expressão é uma versão pretensiosa de ação à distância. A questão da TCP não é mais estranha do que algumas

das questões discutidas nesse campo.

Curiosamente, não parece possível identificar leis ou princípios violados pela existência de fenômenos de TCP. Podemos achar contradições entre fenômenos de TCP e nossa visão atual culturalmente aceita da realidade, mas não – como muitos de nós têm acreditado – entre os fenômenos de TCP e as leis científicas cuja enunciação tem exigido de nós tanto esforço. A menos que identifiquemos essas contradições, talvez seja razoável examinar mais atentamente os relatos desses fenômenos estranhos e inquietantes que nos chegam de cientistas bem-formados e que cumprem as regras básicas da pesquisa científica. Acreditamos que o número desses relatos de alta qualidade é considerável e continua aumentando. (apud DOSSEY, 1999).

Em vista de nossa ignorância sobre a natureza e origem da consciência, a atitude mais sábia a adotar é, em princípio, a de abertura ao tratamento da questão. No que diz respeito aos mecanismos da consciência, precisamos nos manter acessíveis às idéias que porventura surjam.” (LESHAN: 1995).

O astrônomo Carl Sagan, embora nada fã da não-localização mental, defendeu um ponto de vista muito pertinente para este atual estágio dos estudos sobre consciência. No discurso que fez, em 14 de junho de 1991, na cerimônia inaugural de formatura na *University of California* at Los Angeles, ele disse: “É responsabilidade dos cientistas jamais censurar o conhecimento, ainda que seja extravagante e independentemente de quanto possa incomodar os que estejam no poder. Não somos tão inteligentes assim para poder decidir quais tipos de conhecimento são permissíveis e quais não são...” (apud DOSSEY: 1999).

Anos de pesquisa na área da psicologia experimental levaram LESHAN (1995) a elaborar uma síntese sobre a fenomenologia da percepção extra-sensorial. LeShan mostra, como no mundo cotidiano, não existe uma única realidade e sim, uma escolha de realidades pelas quais circulamos de forma automática, sem nos darmos conta. Para ele, nossa percepção poderia ser classificada em quatro categorias: o modo sensorial de ser - quando lidamos com questões da sobrevivência biológica; o modo clarividente de ser – permite-nos experimentar

diretamente a unidade do ser como um todo; o modo transpsíquico de ser - proporciona a percepção de um mundo em que os eventos que, embora separados entre si, convergem para uma unidade mais ampla e, finalmente, o modo mítico - que controla nossas percepções da realidade na arte e nos sonhos. Trata-se de uma proposta que amplia nossos conhecimentos, permitindo que expliquemos eventos psíquicos e paranormais.

5.5.1 Telepatia

A pesquisa científica da ESP data dos pioneiros experimentos de J.B. Rhine com adivinhações de cartas e dados na Universidade de Duke nos anos 30. Recentemente, os experimentos ficaram mais sofisticados e o controle experimental mais rigoroso. Os físicos têm se unido freqüentemente aos psicólogos na criação dos testes. Explicações em termos de formas ocultas de percepção sensorial, máquinas, conversa entre os pacientes e erros ou incompetência dos experimentadores foram consideradas, mas mesmo assim não eram capazes de explicar o número estatisticamente significativo de resultados.

Nos anos 70, dois físicos, TARG e PUTHOFF (1978) do Instituto de Pesquisa Stanford, realizaram alguns dos mais conhecidos experimentos com transferência de imagens e pensamentos. Eles queriam assegurar-se da realidade de transmissão telepática entre pessoas diferentes, uma das quais atuaria como um “emissor” e a outra como um “receptor”. Os cientistas colocaram o receptor numa câmara selada, opaca e protegida eletricamente; e o emissor em outro quarto onde eram submetidos a brilhantes raios de luz em intervalos regulares. Aparelhos de eletroencefalograma (EEG) registravam os padrões de ondas cerebrais de ambos. Como esperado, o emissor exibia as ondas rítmicas que, normalmente, acompanham a exposição a brilhos de luz. Porém, depois de breve intervalo, o receptor também começava a produzir os mesmos padrões, embora ele ou ela não

estivesse exposto às luzes nem estivesse recebendo quaisquer sinais sensorialmente perceptíveis do emissor.

5.5.2 Ligações Telessomáticas ou Telestesia

Experiências em que compartilhamos sensações físicas com uma pessoa distante, como se duas pessoas estivessem dividindo os préstimos de um único corpo, são muito comuns. Isso tem sido chamado de fenômenos “telessomáticos”, termo derivado dos elementos de composição gregos tele, que significa “longe”, e somatikos, que significa “do corpo” (DOSSEY, 1999).

FARIA (1981) prefere denominar o fenômeno de telestesia. Conceitua assim: consideramos como telestesia, a capacidade apresentada por alguns clarividentes de sentirem e identificarem, em seus próprios organismos, alterações físicas ocorridas com outras pessoas, patológicas ou não ou, ainda, em casos mais extremos, de representarem somaticamente, perturbações orgânicas ocorridas a distância, fazendo diagnósticos, reproduzindo sintomatologias e permitindo a identificação de estados de saúde. A transferência da sensibilidade de uma doença que se manifesta em outra pessoa, desconhecidas e distantes entre si, permite admitir que aquela patologia tem seus sintomas registrados sob a forma de dados que se possam transmitir de uma ou de outra forma. Por enquanto apenas, e como único fator de certeza, o fato incontestado de que tal sensibilidade é transmissível e até mesmo reproduzível.

Segundo DOSSEY (1999), às vezes, conhecemos a realidade de um fato tão profundamente, que ele chega a acompanhar-se por verdadeiros sintomas

físicos. Dos fenômenos telessomáticos, esses são os mais comuns.

Um outro exemplo que ele relata, ocorreu na vida de Mary B. Boardman, antiga hematologista de Willseyville, Nova York:

Um dos fenômenos telessomáticos mais marcantes que aconteceu comigo foi o do dia em que meu pai morreu. Acordei num estado de agitação tão intensa, que fui trabalhar doente. Andei de um lado para o outro o dia inteiro, irritada e transtornada por motivos ignorados. Uma voz íntima me aconselhava a “telefonar para casa”, mas eu a ignorava (não faço isso hoje em dia!). Por volta das 17 horas, eu estava tão transtornada, que resolvi deitar-me. Assim que o fiz, a voz que me ecoava na cabeça exortou-me, tonante: Telefone para casa! Agora! Minha mãe atendeu ao telefone com a voz repassada de desespero, pânico mesmo. Ela disse que meu pai tinha acabado de lhe cair dos braços e que ela tinha chamado a equipe de socorro médico. Então, entendi tudo. Eu sabia que ele estava morto. Telefonei para os meus irmãos em Seattle e na Filadélfia e contei a eles o que tinha acontecido antes mesmo de ouvir a palavra dos médicos. Eles entendiam o conhecimento mútuo que eu e meu pai sempre compartilháramos, e tomaram suas providências. Uma hora depois, telefonaram-me para dizer que meu pai havia morrido. (apud DOSSEY, 1999)

FARIA (1981) relata o seguinte caso:

Havia nascido recentemente no Rio de Janeiro, filha de um cliente, apresentando varo equino bilateral. Transferi seu nome, idade, residência, ao jovem Milton. Pois ele, imediatamente, e tentando levantar-se, entortou os pés para dentro. No grupo só eu sabia da autenticidade do caso. A reprodução foi absolutamente fiel.

O cético, no entanto, sobrepôs-se ao crédulo e o cientista que havia em mim não cedeu seu lugar ao maravilhado cliente de um espetáculo de variedades. Comecei por duvidar que a doença de uma pessoa pudesse transferir-se a tão longa distância, para um desconhecido. E com tão perfeita similitude busquei a mecânica do acontecido em outra fonte. Como já possuía alguma experiência com provas telepáticas, creditei ao meu próprio conhecimento do diagnóstico sua reprodução pelo paciente ali presente. Certamente, eu mesmo transferira-lhe a percepção patológica. Pensando nos pacientes e seus diagnósticos, nossa proximidade e minha indução na imagem dos doentes, fizera com que o nosso sensitivo recebesse a mensagem.

A 29 de abril do mesmo ano de 1958 fui convidado para uma palestra sobre hipnose pelos médicos plantonistas do Hospital Central dos Marítimos, no Rio de Janeiro. Entre médicos e acadêmicos, contávamos com a honrosa assistência de mais de 30 pessoas, dentre as quais os drs. Luiz de Souza Mattos, Milton Segalla Pauletto, Umberto Gueiros, Cid Dantas Barreto, Jorge de Toledo, Emilio Niemeyer, José Franco e Edgar Falci. Ao fim da palestra, solicitou o colega Souza Mattos tentasse uma demonstração de telestesia (*). Ofereceu-se para percipiente, o assistente Milton Segalla Pauletto então capitão médico da Aeronáutica. Revelou-se o dr. Pauletto ótimo paciente hipnótico e extraordinário percipiente. Foi-lhe feita então a sugestão de que ele era Adriane Q., aquela criança portadora de varo eqüino já relatada. Imediatamente e, à medida que íamos tocando seu corpo, ao atingirmos os pés, estes voltaram-se para dentro com torção violenta e até exagerada, demonstrando o paciente visível sofrimento.

Mais uma vez atribui a mim mesmo a responsabilidade da transmissão da patologia. Ali, naquele anfiteatro, só eu sabia da verdade. Era certo, convenci-me de que eu fora o agente transmissor.

Passaram-se 24 horas e novamente nos encontramos o colega Souza Mattos e eu, desta feita no Hospital Nossa Senhora da Glória, da Marinha. Estava ele em companhia de um outro médico, o dr. Edson Bezerra de Mello, uma sua irmã, sra. Maria Luiza de Souza Mattos, e de duas outras jovens, as srts. Beatriz Bezerra de Mello e Enedina R.

Colocada em transe hipnótico a paciente Eugênia de Lourdes Macedo, demos-lhe como elemento de prova, mais uma vez, o nome daquela cliente, portadora do pé torto bilateral. Repetiu-se a reprodução imediata e correta.

Nessa oportunidade, duas pessoas presentes, conheciam o diagnóstico, Souza Mattos e eu. E ainda dessa vez, atribuí a isso o acerto da experiência. Continuava relutando em admitir que uma patologia se pudesse transferir, por ignotos processos e caminhos, a uma terceira e desconhecida pessoa.

Tal impressão sofreu, todavia, sério abalo poucos dias depois. Peço-lhes que me acompanhem agora atentamente. Não estive presente à demonstração que aconteceu no consultório do colega Tarcísio Martins Ribeiro, e foi realizada por Sylvio Roberto Barbosa de Oliveira, servindo de paciente, um dentista, Ulysses Mendonça.

A este paciente, Sylvio – que estivera comigo em Santa Maria e conhecia o caso – forneceu o nome de minha cliente Adriane, a dos

pés tortos. Sylvio, que sabia do caso, insistiu. Reiterou-se a resposta: pé direito torto. Desolado, e acreditando ter fracassado na prova, telefonou-me o operador hipnótico para narrar do seu insucesso. Também assim me pareceu. Mas ocorreu-me a lembrança de telefonar ao pai da menor Adriane, indagando-lhe da saúde. E então recebi a resposta contundente: “Estamos todos muito satisfeitos. Acabamos de voltar da ortopedista que lhe tirou os aparelhos gessados. O pé esquerdo está no lugar; apenas o direito permanece ainda um pouco torto, provavelmente por se ter quebrado o gesso”.

E agora, quem sabia disso junto ao paciente? Ninguém. Só uma conclusão, então, se nos impõe: houve, de fato, transmissão direta doente-percípiente. E não se conheciam além de estarem em locais distantes. Por estranhos mecanismos e caminhos, uma realidade física impressa no cérebro de uma pessoa, atingiu o limiar de percepção de um outro cérebro e ali reproduziu o evento. Como dizia Pasteur, não se trata de magia, de misticismo, religião, de especulação filosófica. São fatos.

Vários outros casos são relatados por FARIA (1981) em seu livro, inclusive um em que a pessoa sobre teste foi capaz de reproduzir fisicamente uma estomatite ácida que incomodava a paciente investigada que estava em local distante. Não apenas os sintomas, mas inclusive as próprias lesões da mucosa bucal. Um outro caso relatado nas palavras de FARIA (1981): “um dramático acontecimento envolvendo uma paciente cuja uma agonia dolorosa por atrofia dos nervos ópticos, foi fielmente reproduzida, no mesmo momento, paciente em Rezende, clarividente no Rio de Janeiro, ambos chorando e gritando de dor simultaneamente, um a sentir a doença real e o outro a vivenciá-la em toda a sua intensidade”.

Outros diagnósticos foram feitos com reprodução fiel: um caso de hemiplegia esquerda, um outro de câncer hepático (com fenômenos altamente dolorosos na região hepática), um terceiro, de labirintopatia, no qual o paciente testado, além de acusar hipoacusia sensível, mal conseguia manter-se de pé, vítima de vertigens rotatórias.

FARIA (1981) também se refere a casos relatados pelo Dr. Berthold Schwartz, neurologista de Nova Jersey, que têm razões para aceitar a transmissão

de males físicos. Esse último reuniu mais de 500 casos significativos, nos quais havia “possível resposta telessomática e aparente resposta motora”. Escrevendo na Revista da Sociedade Médica de N. Jersey, levantava ele a hipótese de que a idéia, ou o sofrimento de um pai ou filho, provocasse reações físicas no parente.

Conta a história de um homem que acordou com forte dor de dente. Marcou consulta com o dentista. Mais tarde, ainda naquela manhã, sua mãe telefonava à nora informando que, naquele dia, pela primeira vez na vida iria extrair um dente. Ao chegar ao seu dentista o homem teve a surpresa de verificar que a dor desaparecera e o dente estava sadio. No mesmo dia, àquela hora, em outro consultório, a mãe extraía o mesmo dente que doía no filho.

Tradicionalmente, os efeitos telessomáticos são produzidos por curandeiros especialmente dotados que “enviam” o que eles afirmam ser formas sutis de energia aos seus pacientes. (A variedade negativa dos efeitos telessomáticos são conhecidas como vodu ou magia negra e são comuns nas práticas dos xamãs). Sendo muitas vezes de caráter puramente anedótico, os efeitos telessomáticos eram principalmente de interesse para os antropólogos; eram renegados pela comunidade médica. Ultimamente, entretanto, esses efeitos têm sido percebidos em experimentos de laboratório onde um grande número de tentativas e testes permitem uma análise quantitativa confiável dos resultados. William Braud e Marilyn Schlitz, da Fundação Mind Science em San Antonio, Texas, realizaram centenas de tentativas com um rigoroso controle com relação ao impacto do imaginário mental dos emissores sobre a fisiologia dos receptores. Estes últimos estavam longe e ignoravam que tais imagens estavam sendo direcionadas para eles. Braud e Schultz afirmam ter estabelecido que as imagens mentais de uma pessoa podem atravessar o espaço e causar mudanças na fisiologia de uma pessoa à distância – efeito comparável àquele produzido pelo processo mental de uma pessoa sobre o seu próprio corpo.

LASZLO (1999) comenta que:

Efeitos telessomáticos também foram notados em relação a um grande número de pessoas. Existe uma noção tradicional hindu de acordo com a qual, quando um número significativo de pessoas medita numa comunidade, também são afetados os que não meditam. Em 1974 o iogue Maharishi Mahesh tomou esta idéia em consideração. Ele sugeriu que se ao menos um por cento da população meditasse regularmente, os efeitos também seriam sentidos nos outros noventa e nove por cento. Estudos empíricos, realizados por Garland Landrith e David Orme-Johnson entre muitos outros, mostraram que o “efeito Maharishi” é estatisticamente significativo. Parece haver mais do que uma correlação ao acaso implicada na correlação entre o número de pessoas em meditação numa comunidade e a taxa de crimes, a incidência de acidentes de trânsito e até mesmo os níveis de poluição na comunidade.

5.5.3 Transidentificação

Conceito de ligações telessomáticas ou telestesia pressupõe a transmissão de informação em tempo real, ou seja, situações que estão ocorrendo no presente. Já o conceito de transidentificação implica na transferência de informações no nível das sensações físicas, do emocional e mental, que estejam registrados no psiquismo do paciente independente, do tempo e do espaço. Nesse caso, não se considera a transferência de sintomas físicos propriamente ditos como pode acontecer no caso dos fenômenos telestésicos.

Há poucas referências na literatura a respeito desses fenômenos. Um dos estudiosos é o médico e pesquisador MENDES (1997) que vem procurando desenvolver um método por ele denominado psicotraseterapia utilizando a transidentificação como estratégia de cura para distúrbios mentais.

Relataremos, em seguida, uma experiência vivenciada por nós, nessa área , com a finalidade de ilustrar o conceito.

Em maio de 1994 em Dharamsalla no norte da Índia, Cidade no sopé do Himalaia onde está sediado o governo tibetano no exílio, participávamos de um Curso de Psicologia Budista Tibetana coordenado por Leo Mattos, PhD. Num determinado momento uma colega psicóloga estava à frente do Leo para iniciar uma supervisão do caso de uma cliente sua, uma mulher de 40 anos que apresentava um quadro depressivo leve a moderado. Ainda no início de seu relato o Leo chamou-me para fazer uma dramatização entre a psicóloga e eu, fazendo o papel da cliente. O clima era de muita descontração. Enquanto conversavam, eu deitei no colchão entre os dois, aguardando o início da encenação. Logo em seguida, comecei a me sentir fisicamente desconfortável; até então estava muito bem. Nesse momento, chamei a atenção deles para o que acontecia comigo. Como o clima era descontraído, eles pensaram que eu estava brincando. O mal estar foi aumentando e passei a entrar num estado de angústia, e um estado de crescente raiva. Logo, me dei conta que a situação era similar a vivências que eu havia tido em seções terapêuticas onde experienciei, por algumas vezes, o meu próprio nascimento. Foi ficando claro, no meio de tanto sofrimento, que eu vivenciava o nascimento biológico da cliente da minha colega. Toda raiva era dirigida a sua mãe que, além de não aceitar a gravidez, havia tentado abortá-la, se sucesso, no início da gestação. Após uns 20 minutos, ou mais, de estar passando por esta vivência, tudo foi se aquietando com a sensação de ter nascido. A sensação era de muito alívio. Tudo aconteceu a revelia de qualquer um de nós e a surpresa foi geral. Um pouco depois passei a me sentir bem como estava ao chegar, nesse dia, no curso. Meses depois a colega psicóloga me contou que ao retornar da viagem e atender a sua cliente, a mesma se revelava surpresa com a diferença de seus sentimentos em relação a sua mãe. Para ela, “inexplicavelmente”, estava conseguindo uma relação mais amena com a mesma; queria saber se a terapeuta havia feito algo, para que isso acontecesse. Uma das queixas principais que levava a cliente à terapia e que a psicóloga nem havia chegado a colocar na supervisão, portanto eu desconhecia, era uma queixa de difícil relação com sua mãe que persistira durante toda a sua vida. A colega havia levado o caso à supervisão devido ao impasse do processo

terapêutico, pois a cliente resistia a entrar em contato, em mais profundidade, com essas emoções. Após o ocorrido, relata ela, que o processo passou a ter um andamento bem mais satisfatório.

Nesse tópico apresentamos algumas pesquisas e fenômenos que desafiam conceitos científicos pré-estabelecidos. Há na literatura científica, atualmente, muitos trabalhos de pesquisas nessas áreas. Tudo isto sugere a evidência da natureza não-local da mente ou a hipótese mais modesta de que o cérebro seja sensível a informações que vão além do alcance dos órgãos dos sentidos corporais. Os pesquisadores mais abertos não se surpreendem com essas hipóteses, enquanto que os cientistas mais conservadores podem achar tudo isso “uma pílula difícil de engolir”. Contudo, a ciência é um empreendimento aberto, e um outro grupo de pesquisadores irá enfrentar esse desafio. Muitos, já o fazem. Os resultados prometem ser uma nova apreciação da mente como um poderoso instrumento que pode colocar-nos em contato direto e espontâneo uns com os outros e com a natureza à volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, José Tadeu. **A teoria da relatividade em crise**. Rio de Janeiro: Globo Ciência, 1997.

ASSAGIOLI, Roberto. **Picossíntese**. São Paulo: Cultrix, 1979.

ASPECT, P. Grangier e G. Roger em *Physical review Letters*, vol. 49, nº. 9, 1982.

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza – A Unidade Necessária**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. , 1986.

BELL, John S. '**On the Einstein Podolski Rosen Paradox**'. *Physics*, 1964.

BOHM, David. **La Totalidad y el Orden Implicado**. Barcelona: Editorial Kairós, 1988.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergentes**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **O Tao da Física; um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **Sabedoria incomum; conversas com pessoas notáveis**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHALMERS, Alan F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

Tradução Raul Fiker do original em inglês *What is this thing called Science?*, 1976.

DAVIDSON, Richard. **O Cérebro Multiforme** in: *Como lidar com as Emoções Destrutivas*: Rio de Janeiro: Campus, 2003. Organizador: Daniel Goleman.

DOSSEY, Larry. **Espaço, Tempo e Medicina**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **Reinventando a Medicina**. São Paulo: Cultrix, 1999.

EASWARAN, Eknath. **Conquista da mente**. São Paulo: ECE, 1994. Tradução Ruth Rejtman do original em inglês *Conquest of Mind*, 1993.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. Tradução H. P. de Andrade do original alemão *Mein Weltbild*, Zurich, Europa Verlag, 1953.

Einstein, Boris Podolski e Nathan Rosen, '**Can quantum mechanical description of physical reality be considered complete?**', *Physical review*, vol.47, 1935.

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

FARIA, Osmar de Andrade. **Parapsicologia**. São Paulo: Ateneu, 1981.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método** – esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Tradução Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg do original em inglês *Against method*, 1975.

FIALHO, Francisco A. P. **Introdução ao Estudo da Consciência**. Curitiba: Genesis, 1998.

_____. **A eterna busca de Deus**: de quarks a psi. Sobradinho, DF: Edicel, 1993.

GOLEMAN, Daniel (org.). **Emoções que curam**: conversas com o Dalai Lama sobre mente alerta, emoções e saúde. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Coleção Arco do Tempo. Tradução Cláudia Gerpe Duarte do original *Healing emotions: conversations with the Dalai Lama on mindfulness, emotions and health*, Shambhala, 1997.

_____. **A Mente Meditativa**: as diferentes experiências meditativas no Oriente e no Ocidente. São Paulo: Ática, 1996. Tradução Marcos Bagno do original em inglês *The Meditative Mind*, 1988.

GOSWAMI, Amit. **Física Quântica, Consciência e uma nova Ciência de cura**. Tradução Carlos Gustavo M. Guerra (org.) de *Quantum Physics, Consciousness and a new Science of Healing*. Não publicado.

GOSWAMI, Amit; com REED, Richard E.; GOSWAMI, Maggie. **O Universo autoconsciente**: como a consciência cria o mundo material. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998. Tradução Ruy Jungmann do original em inglês *The self-aware universe: how consciousness creates the material world*, 1993.

GOSWAMI, Amit; GOSWAMI, Maggie. **Quantum Creativity**. Hampton Press, 1999.

GRINBERG-ZYLBERBAUM, J., DELAFLOR, M., Attie, L., and GOSWAMI, A. **“Einstein-Podolsky-Rosen paradox in the Human brain: the transferred potential. Physics Essays**, vol. 7. 1994. p. 422-428.

GROF, Stanislav. **A Aventura da Autodescoberta**. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Além do cérebro – Nascimento, morte e transcendência em psicoterapia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

_____. **A Tempestuosa Busca do Ser**. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. **Psicologia do Futuro**. Rio de Janeiro: Heresis, 2000.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo ilustrada**. Lisboa: Gradiva, 1997. Tradução do original em inglês *The illustrated a brief history of time – updated and expanded edition*, 1996. (Atualização de *Uma breve história do tempo: do Big-Bang aos Buracos Negros*, Rocco, 1988, Tradução de *A brief history of time: from the big bang to black holes*, 1988.)

HAMEROFF, Stuart R. e LOURIA, Dyan. Computer Simulation of Anesthetic Binding in Protein Hydrophobic Pockets in **Toward a Science of Consciousness: The First Tucson Discussions and Debates**. Edited by Stuart R. Hameroff, Alfred W. Kaszniak and Alwyn C. Scott: Massachusetts Institute of Technology, 1996.

HAMEROFF, Stuart R. e PENROSE, Roger. Orchestrated Reduction of Quantum Coherence in Brain Microtubules: A Model for Consciousness in **Toward a Science of Consciousness: The First Tucson Discussions and Debates**. Edited by Stuart R. Hameroff, Alfred W. Kaszniak and Alwyn C. Scott: Massachusetts Institute of Technology, 1996.

INSTITUTE OF NOETIC SCIENCES. **Archives**. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.noetic.org/lons/archivelisting.asp>.

JAUCH, J. M. **São os quanta reais?** Um diálogo galileano. São Paulo: Nova Stella; EDUSP, 1986. Tradução e introdução J. David M. Vianna do original norte-americano *Are quanta real? A Galilean Dialog*, 1973. Col. Ciência Viva.

JUNG, Carl Gustav (concepção e org.). **O Homem e seus símbolos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985?. Tradução Maria Lúcia Pinho do original em inglês *The Man and his Symbols*, 1964.

JUNG, Carl Gustav e WILHELM, R. **O Segredo da Flor de Ouro – Um Livro de Vida Chinês**. Petrópolis: Vozes, 1983.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **A Dinâmica do Inconsciente**. Petrópolis : Vozes, 1984.

_____. **Psicologia e Religião Oriental**. 5. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha do original em alemão *Zur Psychologie westlicher und östlicher Religion (G. W. 11) – Oestliche Religion*, Walter Verlag, Olten, 1971.

KAREN e RUSSEL, De Valois. “Spatial Vision”, **Annual Review of Psychology**, vol. 31, 1980; K. De Valois, R. De Valois e E. W. Yund, “Responses of Striate Cortex Cell to Grating and Checkerboard Patterns”, **Journal of Phystology**, vol. 291, 1979.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 3. ed. (2. tiragem) São Paulo: Perspectiva, 1995. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira do original em inglês *The structure of scientific revolutions*, 1962. Coleção Debates, n. 115.

LAO TSÉ. **Tao te king**. Diversas traduções do original em chinês, do séc. VI a.C., como:

_____. São Paulo: Hemus, [199-], 5. ed., Tradução Norberto de Paula Lima da Tradução para o espanhol de José Tola e da Tradução para o alemão de Richard Wilhelm.

LASZLO, Ervin. **Conexão Cósmica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Evolução A Grande Síntese**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. **Nas Raízes do Universo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

LeSHAN, Laurence. **Realidades Alternativas – A busca da plenitude no ser humano**. São Paulo: Summus, 1995.

MANFRED, Euler. “Reconstructing Complexity: Information Dynamics in Acoustic Perception”, em H. Atmanspacher e H. Scheingruber, **Information Dynamics**. Nova Iorque, Plenum, 1991.

MATOS, Léo. **Psicologia Transpessoal: Explorando os vários estados da consciência** in Caderno de Debates Plural. Coletânea Psicologia Transpessoal. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas – Fumec, 1992.

_____. **Uma Introdução à Psicologia Budista Tibetana** in Caderno de

Debates Plural. Coletânea Psicologia Transpessoal. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas – Fumec, 1992.

_____. **A Experiência da Morte** in Caderno de Debates Plural. Coletânea Psicologia Transpessoal. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas – Fumec, 1992.

MATURANA R., Humberto; VARELA, Francisco G. **A árvore do conhecimento**. As bases biológicas do entendimento humano. Campinas (SP): Psy, 1995. Tradução Jonas Pereira dos Santos do original em alemão *Der Baum der Erkenntnis. Die Biologischen Wurzeln des menschlichen Erkennens*, 1987.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999. Tradução Lúcia Pereira de Souza do original em francês *La trans disciplinarité – Manifeste*, Éditions du Rocher, 1996; primeira publicação: Penguin Group, 1994.

PENROSE, Roger. **A mente nova do rei**. Computadores, mentes e as leis da física. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995. Tradução Waltensir Dutra do original em inglês *The Emperor's New Mind – Concerning Computers, Minds and Laws of Physics*, 1989.

_____. **O Grande, O Pequeno e a Mente Humana**. São Paulo: Unesp, 1998.

Peres, J.F.P.; Newberg, **Cerebral blood flow changes during retrieval of traumatic memories before and after psychotherapy : a SPECT study**. Eur. J.Nucl. Méd, 28:1190, 2001.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética; sabedoria e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Tradução Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Pierro respectivamente dos original em francês *L'epistémologie génétique, Sagesse et illusions de la philosophie e Problèmes de Psychologie Génétique*. Coleção Os Pensadores.

PRIBRAM, Karl H. **The Varieties of Conscious Experience: Biological Roots and Social Usages** in *Toward a Science of Consciousness: The First Tucson Discussions and Debates*. Edited by Stuart R. Hameroff, Alfred W. Kaszniak and Alwyn C. Scott: Massachusetts Institute of Technology, 1996. Em português : *As Variedades de Experiências de Consciência: Raízes Biológicas e Práticas Sociais*. Tradução de Irene Maria Zanella Duarte, 1998 .

_____. **Brain and Perception: Holonomy an Structure in Figural Processing**, The MacEachran Lectures, Hillsdale, N. J., Lawrence Erlbaum, 1971.

PRIGOGINE, Ilya. **O Fim das Certezas**: Tempo, Caos e as Leis da Natureza. São Paulo: Unesp, 1996.

RHINE, J. B. **Novas Fronteiras da Mente**: História das Experiências na Universidade de Duke. São Paulo: IBRASA, 1973.

RHINE, J. B. e BRIER, Robert. **Novas Perspectivas da Parapsicologia**. São Paulo: Cultrix, 1968.

RING, Kenneth. Uma Visão Transpessoal da Consciência: Um mapeamento das mais distantes regiões do espaço interior in **Cartografia da Consciência Humana**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte**: Sete histórias paradoxais. Trad. Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SERWAY, Raymond A. **Física para cientistas e engenheiros**. Com física moderna. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1996. Tradução Horacio Macedo do original em inglês Physics for Scientists and Engineers with Modern Physics, **1992**. Especialmente o v.4: Física Moderna, Relatividade, Física Atômica e Nuclear.

SHELDRAKE, Rupert. Campos morfogenéticos: hábitos da natureza. In: WEBER, Renée. **Diálogos com cientistas e sábios – a busca da unidade**. São Paulo: Cultrix, 1988. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Sousa do original em inglês Dialogues with Scientists and Sages, Routledge & Kegan Paul, 1986.

SOUZA, Sérgio. **Computadores para todos nós**. Rio de Janeiro: Brasport, 1995.

STEIN, MURRAY. **JUNG - O Mapa da Alma**. São Paulo: Cultrix, 1998.

SUZUKI, Daisetz Teitaro. **A doutrina Zen da Não-mente**. O significado do Sutra de Hui-neng (Wei-lang). São Paulo: Pensamento, 1989. Organização Christmas Humphreys. Tradução Elza Bebianno do original em inglês The Doctrine of No Mind – The Significance of the Sutra of Hui-Neng (Wei-Lang), 1969.

SUZUKI, Daisetz Teitaro; FROMM, Erich; MARTINO, Richard de. **Zen budismo e psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1970. Tradução Octavio Mendes Cajado do original em inglês Zen Buddhism and psychoanalysis, 1960.

TALBOT, Michael. **O Universo Holográfico**: Uma perturbadora concepção da realidade como um holograma gigante gerado pela mente. São Paulo: Best Seller, 1991.

TARG, Russel e PUTHOFF, Harold E. **Extensões da Mente**: A capacidade psíquica posta à prova pela ciência. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

TART, Charles T. **Transpersonal Psychologies**. HarperCollins Publishers, New York, 1992.

_____. **Altered States of Consciousness.** Estados Unidos: University of California, Davis.

TOBEN, B. e WOLF, F. A. **Espaço-Tempo e Além:** rumo a uma explicação do inexplicável. A Nova Edição. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. Tradução Hernani Guimarães Andrade e Newton Roberval Eichenberg do original em inglês Space-Time and Beyond, 1982.

VARELA, Francisco J., THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada:** Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. VARELA, Francisco J. **O Estudo científico da consciência, in: Como lidar com as Emoções Destrutivas:** Rio de Janeiro: Campus, 2003. Organizador: Daniel Goleman.

VON FRANZ, Marie Louise. **Adivinhação e sincronicidade:** a psicologia da probabilidade significativa. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1991. Tradução Álvaro Cabral do original em inglês On Divination and Synchronicity: the Psychology of Meaningful Chance, 1980. Col Estudos de Psicologia Junguiana por Analistas Junguianos.

WALSH, Roger M.D., PhD e VAUGHAN, Frances, PhD (orgs.). **Caminhos Além do Ego – Uma Visão Transpessoal.** Cultrix: São Paulo, 1999.

_____. **Além do Ego – Dimensões Transpessoais em Psicologia.** Cultrix/Pensamento: São Paulo, 1997.

WEBER, Renée. **Diálogos com cientistas e sábios – a busca da unidade.** São Paulo: Cultrix, 1988. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Sousa do original em inglês Dialogues with Scientists and Sages, Routledge & Kegan Paul, 1986.

WILBER, Ken. **O espectro da consciência.** São Paulo: Cultrix, 1995. Tradução Octavio Mendes Cajado do original em inglês The Spectrum Of Consciousness, Wheaton, Theosophical Publishing House, 1977.

_____. **O Paradigma holográfico e outros paradoxos.** São Paulo: Cultrix, 1991. Tradução Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberg do original em inglês The Holographic Paradigm and Other Paradoxes: Exploring the Leading Edge of Science, 1982.

_____. **Transformações da consciência.** O espectro do desenvolvimento humano. São Paulo: Cultrix, 2003. Tradução Sônia Maria Christopher do original em inglês Transformations of Consciousness. Conventional and Contemplative Perspectives on Development, Shambala, 1986.

WING, Lorna. O contínuo das características autísticas. in: Gaudere, E. Christian "org.". **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**. Brasília: Corde, 1993.

WOLF, Fred Alan. On the Quantum Mechanics of Dreams and the Emergence of Self-Awareness in **Toward a Science of Consciousness: The First Tucson Discussions and Debates**. Edited by Stuart R. Hameroff, Alfred W. Kaszniak and Alwyn C. Scott: Massachusetts Institute of Technology, 1996.

ZUKAV, Gary. **A Dança dos Mestres Wu Li**: uma visão geral da nova física. São Paulo: Cultura Espiritual, 1989. Tradução Equipe da ECE do original em inglês *The Dancing Wu Li Masters*, 1979.